Rogério Silvério de Farias

A PROCURA DE STEVATAS

E outras histórias

Rogério Silvério de Farias

A PROCURA DE STEVATAS

E outras histórias

Copyright©Rogério Silvério de Farias Abril de 2010
Primeira edição

Coordenação, diagramação, copidesque e revisão:

Rogério Farias

Capa:

Di Almmo

Para uso comercial, é proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

Esta obra pode ser compartilhada na internet para fins não comerciais.

SUMÁRIO

Sylvia de Monrabeth, **09**
A procura de Stevatas, **12**
Eles virão com a noite, **16**
Quando o mar chamou Alayda, **27**
O assombro na casa do Sidemar, **31**
O mistério na casa do poeta, **40**
O cavalo, **39**
Dona Zizi e a metempsicose, **49**
Além das fronteiras esotéricas dos sonhos, **56**
Necropsia de um obscuro poeta, **65**
Zugdulhulglos, **67**
Além da muralha da morte, **75**

SYLVIA DE MONRABETH

As névoas encantadas dos sonhos levaram minha alma solitária por bosques sombrios, por sobre penedos de colinas sinistras, cobertas de musgos putrefatos e flores fétidas e mortas, além, muito além das *Terras Lendárias*, regiões que somente aos heróis, loucos e poetas é concedida pelos deuses primevos a entrada.

Minha alma solitária virou como que uma pluma levada pelos ventos oníricos, e naquela fria noite de inverno, no velho apartamento da cidadezinha do Sul, aos poucos ia ficando para trás todo tédio, monotonia e tristeza de um mundo onde, na vigília, eu vegetava entre sofrimentos, mediocridades, tristezas e ramerrões sem sentido ou lógica alguma.

Lá, nas *Terras Lendárias*, eu não era mais eu, mas sim o jovem guerreiro de cabelos loiros e encaracolados ─ Thorlantarac ─ cujos olhos eram mais azuis que todos os céus de verão ou primavera da eternidade. E, nômade como o vento, Thorlantarac cavalgava e trotava livre por desertos e florestas misteriosas. E além de guerreiro e caçador de bruxos e demônios da noite que infestavam as *Terras Lendárias*, era poeta e cantava antigas baladas que falavam de amores perdidos.

Seu nome era respeitado em Ukrith, a cidade das opalas resplandecentes; em Sharnibar, a cidade das papoulas rubras; e Cintradismônia, a cidade dos bravos ─ reinos além das lúgubres montanhas de Sassandriminir, entre Tukrith e Berbeltrinía.

Thorlantarac, o guerreiro, empunhava como arma sua alabarda, cuja lâmina fora forjada nas chamas de sua terra natal, a sombria Elenkótria, situada nas regiões dos pântanos pútridos e fumegantes de Yurm Ahul Kondraath. Thorlantarac tornara-se uma lenda viva com sua alabarda de lâmina cintilante. Por muitas terras ele vagou, antes de encontrar a bela Sylvia de Monrabeth, que o encantou com sua flauta mirífica. Sylvia, não da raça dos guerreiros, mas da raça antiga das dríades e ninfas metamorfoseantes do bosque de árvores altas de Saartrinberg.

Por sete noites ele amou a bela Sylvia de Monrabeth. Amou a música da flauta mágica de Sylvia. Amou Monrabeth, a cidade em ruínas na clareira do bosque, maravilha ímpar e antiga das *Terras Lendárias*. E ele beijou a dríade de Monrabeth sob a lua antiga das *Terras Lendárias*. E ele a carregou em seu colo, nua, e depois galopou com ela sobre pradarias nas manhãs de primavera, no lombo de um unicórnio azul e manso.

Certa noite, quando Sylvia de Monrabeth buscou entre as ruínas da cidade o cristal de Untropary ─ deus do amor que concedia a seus devotos o prazer místico das almas gêmeas ─ , uma víbora verde, saída das sombras dos destroços de um altar, picou-a no calcanhar, causando na bela Sylvia a cegueira eterna e a loucura perpétua.

Quando Thorlantarac soube do ocorrido, chorou por vinte noites consecutivas, pois a amada agora era como um espectro vivo nas ruínas de Monrabeth, tocando com sua flauta uma outra música, a música triste da loucura e da escuridão do Inferno.